

Coisas

No começo não era o lixo. Quando Rachel Carson publicou, em 1962, o livro *Primavera Silenciosa*, o que ela dizia lembrava a estrutura das tragédias. As tragédias valem-se da contraposição entre a irrestrita transparência no âmbito da ação e a opacidade no plano do conhecimento. Assim, Édipo é, sob todos os aspectos, responsável pela morte de Laios, mas a descrição do que ele fez não dá conta de alguns aspectos relevantes de sua ação. Sob outra descrição, ele matou o pai, e não um velho com quem teve uma discussão em uma encruzilhada.

Fazer uma coisa, ensinam as tragédias, nem sempre é algo simples, pois, sob outra descrição podemos estar fazendo algo bem diferente e não visado por nós. Desde muito tempo as tragédias nos fazem refletir sobre as intenções, boas e más, e sobre como elas desencadeiam processos que escapam ao nosso controle.

Pois era de uma tragédia que *Primavera Silenciosa* falava. Rachel Carson advertia que a indústria química estava colocando substâncias poderosas nas mãos de pessoas que não faziam a menor idéia dos riscos ali contidos. A gente pensava que estava lavando pratos, por exemplo. Era com um sentimento de terror que descobríamos que o prosaico ato de lavar louças, facilitado por um detergente doméstico, era, no final das gotas, um atentado contra o planeta. A cozinha era, insisto, um dos tantos cenários de uma tragédia, mas essa ainda se passava no quatinho dos fundos.

E assim atravessamos os anos sessenta sem nos importar muito com esses lixos. Não havia muito espaço para os debates ecológicos, apesar de tudo. O conceito de classe social (e seus derivados) era a porta de entrada privilegiada para a abordagem da sociedade e da política. Basta lembrar que as primeiras discussões sobre a degradação do meio ambiente surgiam marcadas pela crítica à sociedade industrial em sua versão capitalista. Durante um bom tempo a assim chamada especificidade das discussões ecológicas não foi reconhecida, em nome de uma visão

totalizante da sociedade e da política. O mesmo acontecia com temas como o feminismo e a homossexualidade, usualmente subordinados às categorias que prometiam que todas essas questões desapareceriam após a transformação radical da sociedade.

Havia uma importante exceção nessa penúria para pensar as coisas (mas o que haveria para pensar nas coisas?). Tratava-se da obra de Jean-Paul Sartre, a *Crítica*

da Razão Dialética, publicada dois anos antes do livro de Carson. Admito que é arriscado, ainda que passado tanto tempo, reunir em um mesmo parágrafo um livro que falava sobre pesticidas e outro que abordava a natureza de uma pretensa razão dialética. Mas Sartre, afinal das contas, dizia que uma das idéias centrais de seu livro era a de que a experiência humana é mediada pelas coisas na medida em que as coisas são mediadas pelo homem, e essa circularidade, que ele chamava de dialética, acabava em... ecolo-

Nossas ações,
nosso trabalho,
na medida em que
se materializam,
se enriquecem com
novos sentidos, mas
também *escapam de*
nossas mãos.

gia. O trabalho humano, dizia Sartre, é, de um lado, uma relação entre os homens, mas é também uma relação dos homens com o universo material. Entram nisso os instrumentos, o conhecimento acumulado, a interação por meio de linguagem, concorrendo para a produção de mercadorias, ferramentas, objetos de consumo, objetos de arte. O trabalho, a praxis humana, toma coisas inanimadas e as envolve em projetos que as transformam em direções não previstas. Um dos exemplos famosos no livro de Sartre é o dos agricultores chineses, que arrancam o solo dos nômades e das mãos da natureza, para seu cultivo. Um dos aspectos da ação do agricultor é o desmatamento que ele pratica para dar lugar ao plantio do milho. Essa ação positiva de cultivo, ao retirar as árvores, retira os elementos e mecanismos naturais que protegiam os rios do assoreamento. E assim o agricultor cria uma máquina infernal. Sua ação de cultivo não tinha a intenção de produzir as enchentes.

Com essas reflexões Sartre nos convidava a pensar a destruição da natureza como um caso de contrafinalidades, que nos obrigava a compreender melhor a natureza da ação humana, na medida em que uma certa ação, que era praticada com uma intenção bem definida, desencadeava processos não intencionados e perversos. Nossas ações, nosso trabalho, na medida em que se materializam, se enriquecem com novos sentidos, mas tam-

bém *escapam* de nossas mãos. As coisas que produzimos, dizia Sartre, são *vampiros*. Uma casa, por exemplo, pode ser vista como um objeto-vampiro, que absorve sem parar nossas ações e se alimenta de nosso suor. Para conservar-se, para permanecer como casa, ela precisa ser varrida, consertada, pintada, habitada, enfim, mantida, para não se degradar e reintegrar-se lentamente na natureza.

No começo, então, havia o lixo. Ele não era, tão claramente como hoje, um indicador de nossas imaturidades. Ele não era um desafio para o nosso senso de responsabilidade para com nosso próprio futuro de humanidade. Não havia, tempos atrás, o sentido de tragédia que hoje assistimos no jornal das oito. Quando jogamos as pilhas de nosso prosaico radinho no lixo, junto com as cascas do tomate, o que, afinal, fazemos? Estamos apenas jogando uma pilha no lixo? Se combinamos a reflexão sobre a estrutura das tragédias com a reflexão sobre as relações entre ações e processos, e ainda mais, com o entendimento da filosofia como uma ocasião ou espaço para refletir sobre a cultura a que pertencemos, como uma ocasião em que nos perguntamos porque fazemos o que fazemos, podemos pensar em um pequeno espaço para uma... filosofia sobre o lixo. Fica aqui esse registro. Na bibliografia desse tema talvez caibam esses dois livros dos anos sessenta, que nos ajudaram, cada um a seu modo, a pensar sobre as coisas.

Ronai Pires da Rocha é filósofo e professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.